

## **HISTÓRIA E CINEMA: saberes necessários e uma experiência**

Marcos Ferreira Gonçalves

Em sua obra *A Câmara Clara*, Roland Barthes disse, de forma muitíssimo poética, que “gostaria que existisse uma História dos Olhares” (BARTHES, 2006, p. 20). O tempo ainda não realizou esse desejo do estudioso da imagem, porém já se sabe que o homem da modernidade tardia é um ser imagético e que a linguagem visual vem dominando hoje diversas áreas do conhecimento. Em sintonia com este novo tempo, nos livros de história é bastante comum a utilização de ilustrações, que possibilitam ao leitor pensar o tema abordado, partindo, inicialmente, da interpretação dessas imagens; da mesma forma, entre os professores vem se popularizando o uso do cinema como recurso pedagógico nas aulas de história, posto perceberem que precisam tornar sua aula algo mais próximo do mundo que pulsa além dos muros da escola.

Neste sentido, Candau, em seu texto *A Revisão da Didática* (1988), fornece importantes argumentos para se repensar a prática pedagógica diante das mudanças que a humanidade vem sofrendo nas últimas décadas. A autora pontua a questão da visão meramente instrumental da didática e aconselha uma prática articulada com as transformações da sociedade, ou seja, uma aula que se aproxime da realidade do aluno.

Contudo, o estabelecimento de uma ligação entre a aula e a realidade, seguindo os critérios das práticas educacionais e os seus objetivos finais, nem sempre é algo fácil, porém nunca deve ser perdido de vista pelo educador. Pensando nessa tríade – aula, conhecimento e realidade, Rays (2002) ao discutir o processo de superação dentro de uma sala de aula, lembra que o professor deve esforçar-se para transformar a sua aula, cumprindo, dessa forma, a tarefa de educar e não apenas a de transmitir conteúdos.

Na busca do estabelecimento desse elo, acreditamos que o cinema, algo que dialoga com a realidade e os anseios desta juventude, marcada por códigos imagéticos e valores bastante distintos dos das gerações anteriores, possibilita uma boa estratégia didática para concretizar tais anseios. Um importante suporte para que possamos desenvolver a prática do cinema como uma ferramenta didática para o aprendizado e a compreensão de mundo é oferecido por Duarte (2002), que ao analisar o uso do imagético na sala de aula, propõe estratégias para o planejamento e execução desse “novo” instrumental pedagógico.

Mas no que se refere ao trabalho planejado com imagem, é bom o professor ter em mente que o consumo da imagem é algo sério, assim seu uso implica cuidado tanto na seleção do que vai ser mostrado, quanto nos propósitos que norteia a projeção de determinado filme. Saliba (1994) aponta que é elementar, logo imprescindível, a atenção em não subestimar a experiência pessoal e social das pessoas e dos grupos humanos, quaisquer que sejam, posto que pessoas já trazem consigo compreensões sobre as coisas e sobre o mundo. Logo, o consumo de imagem na escola é algo sério, e assim sendo requer, dentre outros fatores, que o exibidor tenha responsabilidade.

Voltando ao ensino da história, tomar consciência em que lugar da história o agente histórico está localizado, seja qual for o período estudado, é algo de fundamental importância para o aluno aprender, visto que esta tomada de consciência pode ser o caminho para a crítica, algo primordial para o ensino da história, conforme defendido nos parâmetros curriculares em vigor no nosso país. Mas, por incrível que pareça, ao término do Ensino Médio, muitos dos nossos alunos, que fazem parte do ensino público da Bahia, não estão cientes deste lugar.

Por identificar isto e saber da importância da cidadania e da consciência do indivíduo perante a sociedade em que vive, buscamos implantar na disciplina de História filmes articulados aos temas a serem discutidos ou conteúdos a serem estudados, servindo como elemento instigante e estimulante para atingir os objetivos pedagógicos da atividade.

Um outro aspecto que nos motiva a experimentar o cinema em sala de aula é a crença nos argumentos de Rays (2000), que nos informa de maneira convincente os propostos políticos que uma aula possui, podendo alienar ou gerar uma formação crítica. Segundo sua concepção, a didática deve ser crítica, criando no espaço de aula um momento político.

### **Sobre o *locus* da experiência: a escola e os alunos**

A Escola Polivalente de Aratu fica localizado na Av. Elmo Serejo, na cidade de Simões Filho, região metropolitana de Salvador, possui 16 salas de aula, contando ainda com uma biblioteca, uma sala de vídeo ampla, uma área externa com muitas árvores e uma quadra de esportes, bastante freqüentada pelos alunos dos três turnos nos quais a escola funciona.

Nesses turnos, a escola atende há um eclético contingente de 1400 alunos, na sua maioria moradores do bairro César Borges, que fica ao lado da Escola, e, em geral, filhos de pedreiros, donas de casa, operários da indústria ou empregadas domésticas; existe ainda entre o corpo discente, alunos provenientes de outras localidades, filhos de profissionais de setores melhor remunerados e mais valorizados socialmente. Este conjunto humano forma um todo

bastante diferenciado do ponto de vista social e ideológico, o que pode ser percebido nos debates em sala e nos argumentos redigidos pelos alunos.

No geral estas tribos, apesar das diferenças, têm uma convivência harmônica e a escola não possui problemas de violência, mesmo estando situada num bairro marcado pela pobreza e por mazelas sociais, que por vezes ganham as páginas do noticiário policial nos jornais da cidade do Salvador.

Quando iniciamos o projeto do cinema em sala de aula, duas questões nos chamaram a atenção: os alunos apresentavam baixa oralidade nos debates e era latente a falta de consciência política diante da sociedade. Nossa crença inicial era reverter estes dois aspectos, o que seria feito com a articulação de vários filmes com os conteúdos que seriam estudados ao longo do ensino médio.

### **Sobre a experiência**

A experiência em questão começou a ser posta em prática com uma turma da primeira série do ensino médio em 2004 e prosseguiu nos anos subsequentes, até turma finalizar o ensino médio em 2006. O grupo permaneceu relativamente homogêneo ao longo desses três anos, visto que a escola não apresenta muitas mudanças no quadro de alunos de ano para ano. Em geral, o alunado continua na mesma turma no ano seguinte, o que para nossa experiência foi de boa valia, visto que a turma já possuía um espírito de grupo, uma situação propícia à discussão e ao compartilhamento de idéias.

Estas idéias compartilhadas vão gerar, como aponta Duarte (2002), baseada nos argumentos de Durkheim, a construção de uma cultura de ver filmes, o que vem sendo chamado de cultura fílmica. Para a sociologia, os aprendizados vão sendo incutidos pela sociedade adulta, sobretudo na escola; seguindo estes argumentos, é a escola que vai incutir o gosto pelo cinema e também é ela que vai instrumentalizar este olhar do aluno, um aprendiz, para perceber as diversas nuances da sociedade, gerando uma visão política no educando.

Mais de 30 filmes foram exibidos ao longo desses três anos e sempre estiveram atrelados a conteúdos ou temas que gostaríamos de abordar, não se apegando a nenhum tipo de preconceito cinematográfico, o que possibilitou exibir tanto filmes do dito *cinemão* americano, como filmes indianos ou europeus, com uma estética diferente daquela que o grupo tem mais acesso.

É bom salientar, que inicialmente trabalhamos com filmes cujas estéticas eram mais familiares aos alunos, ou seja, filmes produzidos pela grande indústria cinematográfica norte

americana, ao quais eles têm acesso via as redes abertas de televisão ou pelo mercado paralelo de pirataria.

Dentre outros filmes mostrados ao longo do ensino médio é possível destacar:

- Narradores de Javé
- Domésticas
- O Sorriso de Monalisa
- Nascidos em Bordéis
- Shakespeare Apaixonado
- Elisabeth
- Fé
- Cidade de Deus
- A Missão
- Central do Brasil

Outro fator levado em conta foi à aproximação destes filmes com a maturidade em cada momento, possibilitando assim acertar mais quanto aos resultados. Desta forma, ter em mente sempre qual aluno queremos formar com estes filmes, que consciência queremos despertar neste cidadão em formação, são procedimentos didáticos que devem estar sempre presentes no procedimento pedagógico do professor, possibilitando assim que a aula vá além dos conteúdos, conforme nos aponta Rays (2002).

Ainda no tocante a este aspecto, vale ressaltar que o planejamento é de singular importância para o desenvolvimento das aulas com filme, pois, como nos lembra Paulo Freire (1996), ensinar exige comprometimento. Cada exibição deve ser pensada previamente, estruturando, desta forma, o que quer ser mostrado e quais as abordagens a serem feitas.

Pensando o ato de planejar nas sociedades atuais, Rays defende que

“... nas sociedades complexas, o ato de planejar as atividades humanas assume as características de uma atitude necessária e constante nos mais variados momentos da vida cotidiana, e tem como finalidade precípua prever e decidir sobre alternativas de ação frente a intenções desejadas” (RAYS, 2000, p. 15).

Para o autor, o ato de planejar é um ato pedagógico, mas também político; neste momento de singular importância dentro do fazer pedagógico, o professor pode definir o encaminhamento político e ético que dará a sua aula. Porém, é bom lembrar que a possibilidade de outras abordagens deve estar sempre presente, visto que cada olhar pode

gerar conclusões diferentes a respeito de uma mesma coisa. Assim, cabe ao professor sempre acolher estas outras opiniões para a formação de conceitos coletivos, valorizando, desta forma, o aluno e suas opiniões.

Na nossa experiência, o procedimento foi, inicialmente, ouvir e maximizar as discussões a partir das diversas opiniões geradas pelas exposições, e, num segundo momento, trazer à tona as abordagens planejadas, se por ventura estas não aparecerem nos debates.

Ao longo destes três anos ficou perceptível que os alunos ampliaram suas compreensões a respeito de assuntos históricos, visto que o filme pode fornecer um amplo suporte, apresentando, sob outra forma, aspectos da história nem sempre percebidos na leitura de textos, ou seja, um aporte imagético para a percepção de hábitos de uma época, linguagem, estrutura de poder, classes sociais, indumentárias, entre outros aspectos.

Para ilustrar esta experiência, acreditamos que um bom exemplo a ser citado foi à projeção do filme *O Sorriso de Monalisa*. A película em questão mostra-nos uma escola tradicional de meninas norte-americanas nos anos de 1950, revelando principalmente a condição feminina neste momento da história. Para nós, inicialmente, perceber e discutir este lugar da mulher era a principal meta, porém a superação dos objetivos foi surpreendente com este filme.

Em primeiro lugar, o filme agradou muito a uma turma, com jovens entre 15 a 19 anos, sendo este um aspecto fundamental na utilização deste recurso didático: prender a atenção dos jovens dentro da sala, visto que hoje a possibilidade dos alunos ouvirem e refletirem os ensinamentos da história nem sempre é uma tarefa fácil.

Outro aspecto importante foi o conjunto amplo de abordagens que o filme proporcionou, permitindo discutir a condição da mulher na história, seja nos anos 50 seja na atualidade, mas também outros aspectos daquele momento histórico: a música, a moda, os costumes e outros aspectos do cotidiano da época.

Ainda se tratando das abordagens que o filme citou possibilitou, podemos evidenciar a questão da homossexualidade feminina que o filme aponta, o que levou-nos a uma discussão que saiu do conteúdo histórico propriamente dito e entrou nos temas transversais, que hoje as escolas tentam de diversas maneiras incluir nos seus currículos.

Neste sentido não apenas esse filme, mas todos com os quais trabalhamos, nos permitiram de uma maneira muito mais fácil abordar temas que envolvem a vida dos alunos e a sociedade em que vivem. Essas abordagens podem contribuir para uma formação muito mais cidadã, tão necessária para a vida do indivíduo.

Hoje podemos perceber que os anseios iniciais em relação a levar este recurso didático para a sala de aula foram alcançados, ou seja, criamos num grupo considerável de alunos uma visão política com relação à cidade e o país em que estão inseridos, ao mesmo tempo que ampliamos as competências no campo da oralidade. Não podemos aqui descartar outros aspectos que envolvem a questão, a própria maturidade dos alunos seria uma delas, mas para nós é perceptível que estes dois aspectos foram melhorados tendo os filmes como nosso grande aliado para tais modificações, em alguns casos foi possível perceber isto no próprio discurso do aluno.

Como aponta Thales Rafael, aluno da Escola Polivalente de Aratu, refletindo sobre a experiência em ver filmes na aula de história, *“vejo que o cinema não é só entretenimento, ele me proporcionou uma maior sensibilidade para ver os problemas meus e dos outros e outras coisas”*. Segue o aluno, dizendo *“o filme Cidade de Deus, me mostrou além do drama das favelas brasileiras, me fez pensar que a educação pode modificar os caminhos”*.

Neste depoimento podemos perceber que o aluno conseguiu ir além do conteúdo. Quando menciona o filme brasileiro visto, percebe-se que o aluno teve uma leitura muito pessoal sobre a obra. O depoimento do aluno Alexandro Fonseca também nos traz novos argumentos animadores com relação a nossa experiência, ele diz: *“Estudar não é só livros, é arte também. A aula com cinema fica mais dinâmica, mais fácil de aprender é todo mundo gosta de cinema, jovens, velhos e crianças”*.

Jardinea Santana, também aluna da mesma escola nos fez também uma importante observação: *“o cinema me faz ver as coisas, enxergar, entender e analisar”*. A aluna que no momento terminava o ensino médio sintetiza em sua fala os objetivos fundamentais da prática pedagógica: entender e analisar, e que, de fato, foi o nosso objetivo maior, fazer com que os alunos enxerguem e analisem tudo ao seu redor.

Poderíamos aqui apresentar outros depoimentos já que cada interpretação de aluno traz sempre uma particularidade do olhar, mas no geral a maioria nos mostra que o cinema como um recurso da didática é algo que traz o prazer para o aprender, também usando o próprio depoimento deles: é muito mais dinâmico.

Porém o professor de História deve estar atento que cinema não é verdade, é uma representação, mesmo quando se trata de um documentário, o cineasta não tem compromisso com a verdade, este compromisso é do historiador. Assim o professor deve estar sempre fazendo as considerações necessárias com base nas pesquisas históricas e enfatizando que o cinema é uma narrativa, mas nem sempre uma narrativa histórica.

Gostaríamos ainda de apontar que tal recurso permite também o diálogo com outras disciplinas da grade curricular de maneira sempre muito positiva, seja a Sociologia, a Língua Portuguesa ou a Geografia. Por sinal, essa nossa experiência identificou uma melhora significativa na habilidade de escrita da turma, posto que solicitamos redações sempre quando realizado uma projeção. No início houve uma marcada resistência na realização da tarefa, mas há adesão foi se mostrando maior e a produção mais fecunda após a terceira projeção.

É importante ainda dizer que o professor que pensa em utilizar esse recurso como uma estratégia didática deve realizar o registro de cada aula, produzindo um tipo de diário de bordo. Assim as impressões, os debates e os objetivos alcançados em cada momento poderão ser socializados em reuniões pedagógicas, fornecendo, inclusive, maior credibilidade as ações didático-imagéticas, estratégia que ainda gera desconfianças de diretores e coordenadores escolares. No nosso caso estes registros possibilitaram fazer esta reflexão.

Esta experiência também nos permitiu dialogar com muita proximidade com diversos ensinamentos de Freire (1996) e a sua pedagogia da autonomia, pois como, como nos lembra o mestre, ensinar exige pesquisa, respeito aos educandos, criticidade, aceitação do novo, reconhecimento da identidade cultural, bom senso e curiosidade. Igualmente, ensinar usando o recurso fílmico implica uma atenção muito grande a estes procedimentos metodológicos.

Assim, acreditando que o homem desta geração é um ser imagético como evidenciamos inicialmente, este texto tenta, sem uma metodologia científica mais rigorosa, passar nossas impressões a respeito duma experiência que na verdade continua em processo, porém já mostra resultados animadores, revelados principalmente pelos próprios alunos.

Seria bom que o educador que pretende trabalhar, de forma séria, com o cinema em sala de aula leia na íntegra Pedagogia da Autonomia e apreender que ensinar exige alegria e esperança, segundo Freire a esperança faz parte da natureza humana, nossos alunos a alunas ao longo desta ação educativa nos mostraram isto.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 2006.

CANDAU, Vera Maria. *A Revisão da Didática*. In: **Rumo a uma nova didática**. Vera Maria Candau (org.). Petrópolis: Vozes, 1988.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RAYS, Oswaldo Alonso. *O conceito de aula: um dos saberes necessários à práxis pedagógica*. In: **Educação – ensaios reflexivos**, Oswaldo Alonso Rays (org.). Santa Maria: Pallotti, 2002.

RAYS, Oswaldo Alonso. **Trabalho Pedagógico – hipóteses de ação didática**. Santa Maria: Pallotti, 2000.

SALIBA, E. T. *Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo de imagens*. In: BITTENCOURT, C. (org.). **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.